

- **Brasil quer retomar uso da base de Alcântara com parceria dos EUA***
- **Brasil e Estados Unidos buscam aproximação comercial***
- **Korea Defense Industry Association to US: 'We Have New Needs to Develop Together'**
- **AUSA 2016: BAE Systems showcases potential next-gen Bradley***

Brasil quer retomar uso da base de Alcântara com parceria dos EUA*

BRASÍLIA E RIO — O governo brasileiro convidou os Estados Unidos a usarem as instalações de Alcântara (MA) para lançar satélites, no primeiro encontro formal do “Diálogo da Indústria de Defesa Brasil e Estados Unidos”, que ocorreu na manhã desta sexta-feira no Palácio do Itamaraty, disse o ministro da Defesa, Raul Jungmann. A partir de agora, o Palácio do Planalto tem pela frente um amplo período de negociações até encerrar um dos impasses mais sensíveis da relação bilateral, a imposição de salvaguardas à tecnologia estrangeira em solo nacional.

O Ministério da Defesa informou posteriormente que já enviou mensagem ao Congresso para “retirar” da Câmara dos Deputados a velha proposta, rejeitada no passado, para em coordenação com o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações renegociar com o governo norte-americano “os ajustes considerados necessários, após o que estaríamos em condições de submetê-lo novamente à apreciação do Congresso Nacional”.

Para que os americanos usem o Centro de Lançamento de Alcântara, com posição geográfica privilegiada pela aproximação com a linha do Equador, que resulta em economia de propelente dos foguetes lançadores, é necessária a aprovação do acordo de salvaguardas pelo Congresso.

O tema chegou a ser discutido em 2002, ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, mas não foi aprovado por pressão da bancada petista, à época na oposição. Depois, durante os governos Lula e Dilma (2003-2016) o tema ficou engavetado. Durante a recente viagem de Dilma aos EUA, o assunto foi tratado, porém, não houve avanço na legislação.

— O diálogo abre uma nova avenida para as relações comerciais entre os países — disse o subsecretário de Comércio dos EUA, Ken Hyatt.

MERCADO É O MAIOR DO MUNDO

O acordo de salvaguarda garante aos americanos que seus componentes altamente tecnológicos, presentes nos satélites, não sejam acessados por técnicos de outras nações, sejam brasileiros ou de outros países com relações comerciais com o Brasil.

— O lançamento de satélites e foguetes aeroespaciais tem para nós uma enorme importância que seja retomada em bases soberanas — disse Jungmann, destacando que o mercado de defesa americano é o maior do mundo.

As chamadas "bases soberanas" seriam as garantias de autonomia brasileira dentro do Centro de Lançamento. Em tese, sempre existe risco efetivo que um acordo desta natureza retire parte desta autonomia.

Os governos de Brasil e EUA trataram do caso de Alcântara no âmbito de negociações para intensificar parcerias, como a que resultou na construção da aeronave KC-390, com participação da brasileira Embraer e da americana Boeing.

Segundo Jungmann, o acordo que o governo brasileiro tinha com a Ucrânia para uso da base de lançamento de satélites está definitivamente suspenso. O ministro citou que haveria, inclusive, inquéritos abertos para apurar essas relações. O projeto, que já custou meio bilhão de reais aos cofres públicos, fracassou oficialmente no ano passado, com a denúncia unilateral de seus termos, feita pelo Brasil.

Na base, que conta com uma localização considerada privilegiada para o lançamento de satélites, ocorreu o mais grave acidente da história do programa espacial brasileiro, quando 21 técnicos e engenheiros morreram depois do incêndio antes do lançamento do VLS, o primeiro lançador de satélites do Brasil, que jamais completou uma missão.

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/brasil/brasil-quer-retomar-uso-da-base-de-alcantara-com-parceria-dos-eua-20207572#ixzz4M7xUytd>

© 1996 - 2016. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A.
Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.

Fonte: O Globo

Data da publicação: 30 de setembro

Link: <http://oglobo.globo.com/brasil/brasil-quer-retomar-uso-da-base-de-alcantara-com-parceria-dos-eua-20207572>

Brasil e Estados Unidos buscam aproximação comercial*

Ampliar a parceria entre Brasil e Estados Unidos estabelecendo uma agenda de interesses e possíveis novos negócios entre as indústrias de defesa dos dois países. Esse foi o objetivo do encontro “Diálogo da Indústria de Defesa Brasil e Estados Unidos”, realizado na última sexta-feira no Palácio Itamaraty, em Brasília.

Na abertura do encontro, o ministro da Defesa, Raul Jungmann, falou sobre a importância desse primeiro passo para fortalecer a relação industrial de defesa entre os dois países. “Podemos conceber uma estratégia comum de promoção comercial, que ampliará nosso acesso conjunto ao mercado internacional de uma maneira mais global”, destacou.

O evento, promovido pelos Ministérios da Defesa, Relações Exteriores (MRE), Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MICS) do Brasil e pela Embaixada dos Estados Unidos, resultou na assinatura de uma carta de intenções, oficializando a intensificação do diálogo entre as empresas de defesa das duas nações.

Além da assinatura do documento, que estabelece a regularidade de encontros entre as indústrias de defesa dos dois países, ao longo do evento, foram realizados diversos painéis com o objetivo de apresentar a realidade da indústria de defesa de cada país, bem como seus principais desafios e projetos estratégicos em um futuro próximo.

A embaixadora dos Estados Unidos no Brasil, Liliana Ayalde, falou da importância em se colocar empresários do setor frente a frente. “O mais importante de hoje é que as diferentes partes que são necessárias para concretizar projetos binacionais estão sentadas juntas, e não é apenas hoje, é um processo institucionalizado para definir o futuro”, disse.

O subsecretário de Comércio dos Estados Unidos, Ken Hyatt, deixou claro que a parceria na área de defesa com o Brasil será cada vez maior. “Esse diálogo é um passo muito importante. Ele abre uma nova avenida de cooperação comercial e reflete o pedido dos setores privados que nós recebemos, tanto do Brasil, quanto dos Estados Unidos”, disse.

Dentre os temas que entraram em pauta, esteve a questão da conformidade de exportação, que trata sobre os instrumentos de controle que cada país utiliza para controlar as vendas de equipamentos de defesa. Tanto o Brasil quanto os Estados Unidos adotam uma série de regras e certificados com o objetivo de impedir o comércio ilegal de armas. Em outro painel, foram abordadas as condições de certificação de produtos em cada país, para se tentar chegar a um formato de reconhecimento mútuo, que facilitaria o comércio de equipamentos de defesa entre países.

Ao tratar de mudanças em marcos legais necessárias para a indústria do Brasil, o secretário de Produtos de Defesa, Flávio Basílio, destacou que essa é uma das formas de melhorar a inteligência comercial do setor. “Esse é um avanço importante, que vai permitir maior segurança e atratividade para que possamos avançar em parcerias estratégicas”, afirmou.

As Forças Armadas do Brasil apresentaram aos Estados Unidos alguns de seus projetos estratégicos para que as indústrias norte-americanas possam ver de que forma podem participar de processos licitatórios, alavancando seus negócios. Os americanos também mostraram para a indústria brasileira seus principais planos na área de defesa no médio

prazo, apresentando possibilidades para que a indústria brasileira de defesa possa participar da cadeia global de valor norte-americana como fornecedora de componentes para produtos do segmento.

Além disso, foram apresentadas as prioridades estratégicas das duas nações para o futuro. Cada país falará sobre riscos e possíveis ameaças que podem vir a demandar a produção de determinados tipos de equipamentos e que a indústria precisa estar atenta e preparada para atender.

Para o presidente da ABIMDE (Associação Brasileira das Indústrias de Materiais de Defesa e Segurança), Frederico Aguiar, ainda existem muitos pontos a serem debatidos, especialmente, no que diz respeito a legislação e exigências norte-americanas.

Ainda assim, ele considerou positivo o encontro que certamente abrirá portas e novas oportunidades. “Saio daqui otimista porque os EUA representam praticamente 52% do mercado global, ao passo que, uma coisa importante a se considerar é a entrada que o Brasil tem pelo nosso posicionamento geopolítico em mercados alvos que, muitas vezes, são difíceis até para eles”, analisou.

Fonte: Tecnodefesa

Data da publicação: 03 de outubro

Link: <http://tecnodefesa.com.br/brasil-e-estados-unidos-buscam-aproximacao-comercial/>

Korea Defense Industry Association to US: 'We Have New Needs to Develop Together'

Por Jill Aitoro

The South Korea defense industry wants to expand its collaboration with the United States to focus less on buying, more on co-development.

Kim Young Hoo, executive vice chairman of Korea Defense Industry Association (KDIA), called for a more "mutually beneficial" relationship in an interview with Defense News, even as he called the existing partnership with the US government and industrial base "terrific."

The shift is less the result of dissatisfaction in US-South Korea relations and more a reflection of the evolution happening among South Korea companies in defense capabilities.

"As you know, just 40 years ago, Korea had nothing [in defense manufacturing]. But thanks to the help of the US we have made much progress," said Hoo, a retired lieutenant general, speaking through an interpreter. "Circumstances have been changing. Korea has grown a lot, developed technology. We now need a new cooperation model."

"In the past, it's been 'we get the technology from the US, then we assemble,'" he continued. "That model worked well. But we have new needs to develop together."

South Korea boasts expanding domestic capabilities, supporting manufacturing of advanced destroyers, frigates, amphibious assault vessels, and attack submarines. Its T-50 trainer design, developed by Korea Aerospace Industries (KAI) with Lockheed Martin, as well as its KF-X indigenous fighter, could drive gains in the aerospace market.

South Korea's global push to grow domestic defense industries reflects a more expansive trend, in fact, which Avascent noted could have a dramatic impact on the

Western defense export market over the next decade. More than 50 percent of defense spending in South Korea filters domestically, according to a May report from Avascent titled "Dynamics of International Military Modernization 2016."

But Hoo is quick to note that US companies are crucial to the growth of South Korea's defense industry. South Korea's strength currently is in what he calls "conventional weapon systems."

"We need more advanced technology, working with US companies," Hoo said.

To enable continued growth of the South Korea defense industry, Hoo envisions new forms of business-to-government and business-to-business models, with development of a consortium that includes domestic companies participating in co-development, co-manufacturing and co-marketing with US companies. KDIA, which was established in 1976 as a non-profit working for the Ministry of National Defense in South Korea to govern the defense industry of the country, is attending the AUSA Annual Meeting in hopes of strengthening alliances with US services and companies.

"We are looking for a cooperation model from the US, since we have a [requirement] for high tech capabilities," Hoo said. "At the same time, Korea is in a tense situation with North Korea. We're looking to [serve as a] supplier for developing new products with the US. We expect that would strengthen the safety and security of Northeast Asia and the Korean Peninsula."

Specifically, as North Korea grows more threatening, the focus for co-development would be on aerospace – radar and missile systems, as well as anti-jamming technology. Hoo also encourages the expansion of policies to enable South Korea companies to sell products into the US military.

“We’ve been very cooperative with the US defense industry,” Hoo said. “But there are more opportunities. We can grow together, achieving a mutual interest.”

Fonte: Defense News

Data da publicação: 03 de outubro

Link: <http://www.defensenews.com/articles/korea-defense-industry-association-to-us-we-have-new-needs-to-develop-together>

AUSA 2016: BAE Systems showcases potential next-gen Bradley*

BAE Systems unveiled a next-generation Bradley fighting vehicle demonstrator, built with internal research and development (R&D) funding and intended to showcase technology options as the US Army considers how it will replace its ageing but still operational Bradley fleet.

The platform takes the hull structure from the BAE Systems' Armoured Multi-Purpose Vehicle (AMPV) programme and integrates many legacy Bradley components as well as some new designs, Deepak Bazaz, BAE Systems' director of artillery and Bradley programmes, told reporters on 3 October at the Association of the US Army (AUSA) annual symposium.

The idea is to bridge a gap between engineering change proposals (ECPs) that are underway to upgrade the Bradley fleet, to a conceptual future fighting vehicle (FFV) that the army hopes could eventually replace the fleet in the 2030s or beyond.

Fonte: Jane's

Data da publicação: 04 de outubro

Link: <http://www.janes.com/article/64295/ausa-2016-bae-systems-showcases-potential-next-gen-bradley>

* Não mencionado o autor no texto.